



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.05.02.p112-122>

O lugar da mulher pesquisadora em tempos de pandemia do COVID-19: reflexões momentâneas

The place of research woman in pandemic times of COVID-19: momentary reflections

Carla Giselle Pereira Mascarenhas de Alencar*
 Sandra Célia Coelho Gomes da Silva**
 Joice Mara Amorim Messias***
 Mariana Amado Alvarez Coelho****
 Valéria Antunes Dias Fernandes*****

* Licenciada em Ciências Biológicas (UEFS). Aluna Regular do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES/ UNEB- DEDC Campus XI - Serrinha-Bahia-Brasil). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1869-0671>. Contato: cgpmaalencar@gmail.com.

** Pós-doutorado em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB), Doutora em Ciências da Religião (PUC-GO), Mestre em Ciências da Religião (PUC/GO), Pós-graduada em Sociologia (UFMG), Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais (UNIVALE). Professora Permanente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES-DEDC – Campus XI – Serrinha), Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação – Campus XII – Guanambi. Membro da Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM), Conselheira da Regional Centro-Oeste da Sociedade de Teólogos e Cientistas da Religião (SOTER). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS) Pesquisadora do Centro Interdepartamental em Culturas e Religiões (CEPICR/UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9134-8587>. Contato: scsilva@uneb.br.

*** Graduada em Enfermagem (UNEB-DEDCXII). Aluna Regular do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES/ UNEB) - DEDC Campus XI - Serrinha-Bahia-Brasil. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0807-8123>. Contato: joiceamorim.enfermagem@hotmail.com.

**** Bacharel em Administração. Aluna Regular do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES/UNEB) - DEDC Campus XI - Serrinha-Bahia-Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS-UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6140-0863>. E-mail: marianaacoelho@gmail.com.

***** Graduada em Pedagogia (UNEB-DEDCXII) e em Licenciatura em Matemática - Faculdades de Tecnologia e Ciências (2008). Especialista em Psicopedagogia, em Metodologia do Ensino Fundamental, Supervisão Escolar, Tecnologias em Educação e cursando Educação a Distância e Mídias em Educação. Aluna Regular do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES/UNEB) - DEDC Campus XI - Serrinha-Bahia-Brasil. Membro do Grupo do GEPERCS - Grupo de Estudo e Pesquisa, Educação, Religião, Cultura e Saúde. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6994-3718>. Contato: lela_GBI@hotmail.com.



Resumo

A pandemia causada pelo COVID-19 evidencia a importância da pesquisa para a sociedade nos seus diversos contextos, movimentando pesquisadores e pesquisadoras a descobrirem novos métodos de combate ao vírus. O presente estudo objetiva identificar o lugar da mulher nos espaços de pesquisa, ressaltando a trajetória permeada pelas conquistas obtidas e pelos desafios enfrentados. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura de artigos publicados em periódicos da área, depositados em repositórios e sites científicos de IES nacionais e internacionais, e bases de dados do CNPQ e da CAPES. Resultados de pesquisas mostram que houve crescimento no número de mulheres no campo científico, mas os cargos de destaques continuam sendo ocupados pelos homens, assim como ocorre nas construções sociais, destacando essa disparidade, encontrada não somente no campo das Ciências. Consideramos que mesmo com todos os obstáculos e a diversidade de atribuições impostas pela sociedade, a mulher vem ocupando o espaço no campo da pesquisa, oferecendo contribuições tão importantes quanto as dos homens e merecem destaque como forma de incentivo às demais que queiram seguir a carreira científica. Assim, faz-se necessário promover ações que possibilitem a visibilidade dessas pesquisadoras e que permitam a igualdade do gênero em todos os setores da sociedade.

Palavras-chave: Mulheres. Pesquisa. Gênero. Pandemia. Coronavírus.



Abstract

The pandemic caused by COVID-19 highlights the importance of research for society in its various contexts, moving researchers to discover new methods of fighting the virus. The present study aims to identify the place of women in research spaces, highlighting the trajectory permeated by the achievements obtained and the challenges faced. For this, a literature review of articles published in journals in the area, deposited in repositories and scientific sites of national and international HEIs, and databases of CNPQ and CAPES was carried out. Research results show that there has been an increase in the number of women in the scientific field, but the leading positions continue to be occupied by men, as well as in social constructions, highlighting this disparity, found not only in the field of Sciences. We consider that despite all the obstacles and the diversity of attributions imposed by society, women have been occupying the space in the field of research, offering contributions as important as those of men and deserve to be highlighted as a way of encouraging others who want to pursue their scientific careers. Thus, it is necessary to promote actions that enable the visibility of these researchers and that allow gender equality in all sectors of society.

Keywords: *Women. Research. Gender. Pandemics. Coronavirus.*

Introdução

As pandemias relacionadas aos diversos tipos de vírus causadores das gripes e Síndromes Respiratórias Agudas (SARS) ocorrem de forma cíclica e a humanidade não consegue, mesmo com diversos avanços tecnológicos e científicos, prever a ocorrência desses fenômenos. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a COVID-19 é uma doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2 (Coronavírus). Os primeiros casos surgiram na China, no final de 2019, espalhando-se em seguida para diversos outros países e demais continentes. Fator esse caracterizado como estado de Pandemia mundial, legitimado pela supracitada organização em 11 de março de 2020.

O surgimento de uma nova virose mostra que a convivência da espécie humana com os agentes infecciosos não deixará de existir, e isso faz com que os processos de produção de medicamentos e vacinas voltem a se intensificar demasiadamente tanto no aspecto científico, como na questão mercadológica, econômica e social. Outro desafio é que esses vírus possuem características que dificultam a previsão de novas ocorrências e as mutações permitem o surgimento de novos subtipos virais, dificultando inclusive a produção de vacinas eficazes, em um curto período de tempo.

Nesse contexto, atentando-se aos aspectos sociais, cabe destacar o papel da imprensa no sentido de in/desin/formar opiniões sobre o momento pandêmico mundial e até mesmo ressaltar questões pertinentes ao contexto. Esse não é o objeto desse estudo, mas não poderíamos deixar de trazer essa reflexão. A exemplo da ênfase dada pelos veículos de comunicação, após notícia do primeiro caso de Coronavírus no Brasil, ocorrido no estado de São Paulo, uma equipe de cinco mulheres cientistas, lideradas por uma pesquisadora diretora do Instituto de Medicina Tropical (IMT) da Universidade de São Paulo (USP) e por uma pós-doutoranda na Faculdade de Medicina da USP, bolsista da agência de fomento Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), sequenciou o genoma completo do vírus, realizando em 48h um processo que costuma demorar 15 dias em outros países. Fato inédito de repercussão nos meios científicos. O sequenciamento é um processo de extrema importância para conhecer melhor o vírus e seu material genético, permitindo uma maior agilidade na formulação de medicamentos e vacinas.

A notícia ganhou grande repercussão nacional e internacional, além de ser vista com grande surpresa pela sociedade por ter o destaque feminino na ciência de ponta. Isso demonstra que mesmo com tantas transformações na sociedade brasileira e a promoção de ações voltadas para o empoderamento das mulheres, estas encontram diversas dificuldades para serem inseridas em espaço ainda considerado como masculino. Esse aspecto é objeto da análise proposta para esse estudo.

Tendo por objetivo identificar o lugar da mulher nos espaços de pesquisa, ressaltando a sua trajetória permeada pelas conquistas obtidas e os desafios enfrentados, foi realizada uma revisão de literatura de artigos publicados em periódicos da área, em estudo sobre a temática, depositados em repositórios e sites científicos de IES nacionais e internacionais, assim como nas bases de dados do CNPQ e da CAPES, utilizando informações da Organização Mundial de Saúde e da plataforma Open Box da Ciência, publicadas entre os anos de 2002 a 2020. A obtenção dos dados teve como critério de inclusão aqueles que contemplassem o fenômeno da pandemia, a visão social do feminino e a importância da mulher pesquisadora. O texto encontra-se estruturado a partir da seguinte disposição: inicialmente apresentamos a reflexão sobre a “pandemia” na/da sociedade brasileira: breves reflexões; dando continuidade abordaremos, as mulheres no espaço da pesquisa: reflexões contextualizadas e finalizamos analisando as Mulheres na pandemia: atuando com eficiência, já pautando as considerações finais.

A “pandemia” na/da sociedade brasileira: breves reflexões

A COVID-19 provocou e continua provocando diversas mudanças em todos os setores da sociedade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) orientou que todos os países afetados adotassem o isolamento social como forma de diminuir os índices de contágio da doença, para evitar o colapso dos sistemas de saúde. No Brasil, as pessoas resistem ao distanciamento social, acarretando o aumento do número de contaminados e mortos no país, segundo as organizações de saúde.

Os centros de pesquisa encontram-se funcionando com maior agilidade para encontrar formas de minimizar os impactos na saúde da população. Mesmo com toda redução do financiamento por parte do Governo Federal, pesquisadores e pesquisadoras esforçam-se na busca de apoio e parcerias externas de âmbito nacional e internacional para pautarem os estudos sobre os medicamentos e vacinas que permitam a contenção do avanço da pandemia.

Os espaços de pesquisa tornaram-se foco de reportagens e notícias desde o início do avanço da COVID-19 pelos veículos de comunicação. Observa-se que, mesmo executando a mesma função do homem, a mulher pesquisadora não tem o mesmo destaque nos noticiários e na maior parte do tempo, seus nomes não são evidenciados nas pesquisas que vêm a público. Esse fato nos instiga à reflexão, até porque não foi dada a referência na continuidade das informações pertinentes à atuação das mulheres nesse âmbito, como inicialmente foi mensurado.

Diante do momento vivenciado e que se encontra aqui elencado, outros problemas sociais que surgem, bem como muitas outras desigualdades que nos assolam, não são novidades trazidas pela pandemia da COVID-19” (VIEIRA *et al.*, 2020, p. 04). Ainda de acordo com Vieira *et al.* (2020), vivemos uma exacerbação de problemas enraizados na sociedade, que são ressaltados por conta de modelos ultrapassados e misóginos presentes na humanidade, e que ficam mais evidentes num contexto de pandemia.

O conceito de pandemia descrito nos dicionários, como o que Ferreira (1999) traz, trata-se de doença contagiosa que se dissemina por todos os continentes. Apoderando-se desse significado, os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher foram construídos a partir de uma sociedade extremamente machista, visão que pode ser intitulada como pandêmica, pois está presente em todos os continentes, ideia corroborada por Mlambo-Ngcuka (2020) em seu artigo sobre a pandemia das sombras.

O machismo não está presente somente quando há violência física ou psicológica, ele reverbera por todos os aspectos da sociedade, pois trata-se de uma questão cultural. As construções sociais em torno da masculinidade e da feminilidade influenciam as identidades e as representações sociais acerca dos grupos e dos fenômenos, determinando também as opções e comportamentos das pessoas, das organizações e instituições (MONTEIRO *et al.*, 2015). Ainda de acordo com o autor, os obstáculos enfrentados por indivíduos do sexo feminino surgem a partir de representações sociais criadas pela própria sociedade, quando, por exemplo, se comparam homens e mulheres no seu contexto familiar e de trabalho, analisando-se assim atributos e características pessoais, competências, interesses e motivações de ambos. Segundo Silva *et al* (2018, p.5):

Assim como são inúmeros os conceitos de família, existem também vários tipos, de acordo com cada contexto em que se inserem, sendo mais conveniente hoje se falar em famílias no plural e não no singular. Isso nos leva a compreender que não existe um único conceito que atenda à complexidade da definição de família na atualidade (SILVA *et al*, 2018, p.5).

Seguindo esta lógica de raciocínio, verifica-se que tradicionalmente se atribuem ao homem papéis e responsabilidades relacionados à competitividade, força e orientação para os resultados,

enquanto às mulheres são atribuídos papéis associados a características emocionais, relacionais, ternura, passividade, estéticas (FERREIRA *et al.*, 2008). Essas características associadas às mulheres interferem nas escolhas de sua formação e acabam tendo mais obstáculos para seguir a carreira científica, ficando a ciência associada ao “papel” masculino, de acordo com as construções sociais.

Essas determinações sociais também são impostas utilizando-se a ideia de que as mulheres devem seguir as instruções do patriarcado em nome de divindades, fazendo uso da religião para atingir interesses pessoais de pequenos grupos (GEBARA, 2020). Em tempos de COVID-19, onde as incertezas e o medo sobre o futuro levam as pessoas a recorrerem às suas crenças para buscar seu fortalecimento, os discursos que aumentam a desigualdade de gênero em nome de uma religião tornam-se mais frequentes, favorecendo ainda mais a exclusão de mulheres em diversos setores e espaços da sociedade.

Levando-se em conta o atual contexto, observa-se que as mulheres são maioria em algumas das categorias profissionais economicamente mais vulneráveis aos efeitos da pandemia, como faxineiras, técnicas de enfermagem e enfermeiras, por exemplo, funções enquadradas nas áreas tidas como mais atribuídas ao grupo, observando a estereotipia de gênero.

Além disso, como as pessoas estão passando mais tempo dentro de suas casas por conta da COVID-19, as mulheres estão gastando mais tempo em relação aos homens nos afazeres domésticos, equilibrando simultaneamente com as atividades profissionais no chamado *home office*. O papel de mãe é um dos que mais as mulheres depositam as energias, inclusive as mães acadêmicas. Estando ou não em processo de pandemia, esse processo se repete, e “embora os pais acadêmicos não sejam imunes aos impactos do parto, tradicionalmente são as mulheres que carregam a carga mais pesada” (STANISCUASK, 2020, p. 724).

Se por um lado, a posição social desprivilegiada das mulheres na sociedade brasileira gerou vários percalços, por outro lado, impulsionou sua incorporação a um lugar ao qual estavam excluídas ou em que era rara a sua presença, refletindo as transformações do sistema de gênero, que, não sem ambiguidade, redefiniu os papéis sociais femininos (GUEDES, 2015).

De acordo com Tavares (2016), a luta das mulheres pela igualdade de direitos e contra o sexismo, que entende o homem como superior à mulher em diversos aspectos, aos poucos vem mudando esse contexto. Muitas conquistas vêm sendo alcançadas ao longo dos anos, produzindo reflexos em vários espaços, inclusive na área das Ciências.

As mulheres no espaço da pesquisa: reflexões contextualizadas

Pesquisar sobre a produção científica feminina é de suma importância para promover o “debate historiográfico sobre as relações entre sistema de gênero e institucionalização das ciências no Brasil” (FERREIRA *et al.*, 2008, p. 44). É preciso reconhecer a presença feminina na institucionalização das ciências no Brasil, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Os movimentos de luta feminista nas décadas de 60 e 70 também favoreceram a entrada das mulheres nas áreas de pesquisas e ensino superior, mesmo que de forma não tão expressiva em comparação ao número de pesquisadores do sexo masculino.

No ano de 2020, até o mês de março, observou-se através de dados da CAPES que houve o crescimento da presença feminina na ciência e na pós-graduação brasileiras. Com relação à quantidade de bolsistas, elas representam 57% do total. Verificando o número total de matrículas nos cursos *stricto sensu*, dos 364 mil alunos de mestrado e doutorado, 195 mil são mulheres.

Dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) reforçam a tendência desse crescimento que vem sendo registrado ao longo das últimas décadas, e desde 2008, o número de cientistas do gênero feminino é praticamente o mesmo do gênero masculino. Informações trazidas no censo de 2016 do CNPq mostravam que do total do número de pesquisadores cadastrados em sua base de dados, metade são mulheres. De acordo com a CAPES, de 2019 para início de 2020, a plataforma já conta com o número superior de mulheres pesquisadoras no seu banco de dados.

Mesmo tendo a mesma participação nas ciências, como indicam as pesquisas, as posições de liderança nos grupos de pesquisas ainda são ocupadas por pesquisadores do sexo masculino (GROSSI et al., 2016). Ainda analisando os dados do CNPq relativos ao início do ano de 2020, observa-se que em relação aos destaques na área, dos 15.161 pesquisadores brasileiros que recebem a bolsa de produtividade em pesquisa, 5.388 são mulheres, ou seja, 35,5% do total. Existem áreas, como engenharias e ciências agrárias, em que não há nenhuma mulher como pesquisadora sênior.

A plataforma Open Box da Ciência, lançada em fevereiro de 2020, traz dados inéditos sobre as mulheres cientistas no Brasil. De acordo com um levantamento realizado, o Brasil tem ao menos 77,8 mil pesquisadores nas cinco maiores áreas de conhecimento que declararam ter doutorado na Plataforma Lattes, sendo que, entre eles, 46.501 ou 59,69% são homens e 31.394 ou 40,3% são mulheres.

Levando em conta que a atividade científica trata-se de uma profissão similar às demais, pressupõe-se que as diferenças entre as carreiras científicas de homens e mulheres, corroboradas por estudos que investigam como as relações de gênero influenciam a posição social das mulheres nas ciências, sejam similares àquelas que ocorrem nas demais profissões, e que tais diferenças resultem das representações sociais de gênero e o sistema de estratificação da ciência discutido anteriormente e corroborado por Grossi *et al.* (2016).

Os estereótipos sexuais que se encontram presentes na sociedade influenciam diretamente nessas disparidades existentes nas diversas áreas das ciências. As características femininas são tidas como um obstáculo para a perseguição da carreira científica, já que as qualidades necessárias para fazer ciência são tidas como masculinas, de acordo com as representações sociais (MONTEIRO *et al.*, 2015). Já Tabak (2002) relata sobre as barreiras culturais construídas que favorecem a exclusão das mulheres na Ciência. Para a supracitada autora, a imagem associada a um cientista é aquela masculina, e não há ou é muito pouco o incentivo para que as mulheres optem por formação nas áreas científica e tecnológica.

Durante a passagem pela educação básica, a mulher não é motivada a seguir uma carreira de cientista, além de todas as pressões que surgem por conta de papéis associados ao gênero, como casar, ter filhos, salários menores estando no mesmo cargo e tendo as mesmas funções do homem, entre outras questões que acabam desestimulando a sua entrada na pesquisa.

O CNPq desenvolve ações de estímulo à participação e à formação de meninas e mulheres para as carreiras de ciências exatas, engenharias e computação e, dessa forma, busca aumentar o número do feminino nos espaços antes nunca ocupados por elas. Junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), criou 12 novos projetos apoiados no âmbito da chamada *Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação*, considerando que mulheres podem desempenhar papel fundamental nas áreas de Ciências e tecnologias e que sua participação deve ser incentivada.

Essas estratégias tentam promover uma mudança na cultura das ciências, tornando o conhecimento mais livre dos preconceitos de gênero, na tentativa de fomentar maior inserção feminina em todas as áreas do conhecimento, e não somente nas de Humanas e Sociais, onde seus nomes são mais encontrados.

Mulheres na pandemia: atuando com eficiência

Em tempos de crise, principalmente na saúde, a ciência passa a ser prioridade para pesquisar, produzir e aplicar conhecimentos que viabilizem tratamentos e produção de vacinas para prevenção de doenças. No Brasil, os centros de pesquisa tiveram, em 2019, inúmeros cortes de bolsas para estudos, além da diminuição dos investimentos em materiais e equipamentos que permitam a realização de estudos.

Mesmo diante dessa situação instável no campo de pesquisa, com o surgimento da pandemia, as comunidades científicas não medem esforços para criar alternativas e projetos que visem auxiliar a erradicação do COVID-19 e projetar políticas públicas que auxiliem na contenção da doença até que seja produzida uma vacina.

Assim como ocorreu em outros momentos semelhantes ao que estamos vivenciando, a sociedade é forçada a alterar o seu cotidiano, e levando-se em conta a questão atual, mulheres pesquisadoras também foram afetadas em diversos aspectos. Em tempos de pandemia, a maioria das mulheres encontra-se dentro de casa, espaço em que se dedicam integralmente à inúmeras tarefas do lar, gerando mais cansaço e desmotivação para se dedicar aos estudos e à pesquisa. Nas suas residências “em vez de escrever documentos, é provável que dediquem tempo às crianças que estudam em casa e às tarefas domésticas” (STANISCUASK, 2020, p. 724).

O distanciamento social afetou de forma significativa a presença das mulheres em publicações de artigos científicos. De acordo com Candido (2020), analisando a quantidade de publicações tendo mulheres como primeiras autoras, de 2016 até o início de 2020, foi de 37%, mas esse número sofreu uma queda para 13% neste trimestre de 2020. Além de ser o menor percentual histórico do período analisado, trata-se de menos da metade da média para os anos considerados.

Ainda diante dessa situação, as mulheres têm se destacado com veemência, mesmo com todos os obstáculos socioculturais, econômicos e de formação citados anteriormente. Analisando os periódicos da Science na área de saúde, publicados em 2020, encontram-se diversos estudos realizados por mulheres no mundo a fim de contribuir na compreensão da atividade viral e formas de tratamento e prevenção da doença. No Brasil não está sendo diferente e as contribuições femininas aparecem em meio ao momento de turbulência vivenciado por todos.

O Instituto Adolfo Lutz publicou a sequência completa do genoma viral (SARS-CoV-2) e a pesquisa foi desenvolvida por um grupo de mulheres lideradas por Ester Sabino, diretora do Instituto de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IMT/FM/USP). Não é a primeira vez que Ester Sabino tem seu nome ligado às pesquisas sobre pandemia. Em seu currículo consta participação no sequenciamento de cepas de HIV, vírus causador da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), na década de 1990.

Outros centros de pesquisa no Brasil, como o Laboratório Nacional de Biociências do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (LNBio-CNPEN), coordenado por Daniela Barretto Barbosa Trivella, as pesquisadoras estudam o reposicionamento de fármacos e medicamentos já fabricados que possam ser aplicados aos pacientes portadores de COVID-19.

O Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília (UnB) também está atuando na investigação da memória imunológica dos pacientes após contraírem o coronavírus, sendo uma das pesquisadoras, a cientista Anamelia Bocca. A pesquisa conta com o apoio da Rede Vírus do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

Na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), principal instituição não-universitária de formação, mulheres produziram o Caderno de Saúde Pública sobre o COVID-19, no intuito de colaborar com ações e estratégias científicas de combate ao coronavírus,

As mulheres estão presentes na maioria das pesquisas das ciências, da vida e da saúde, como informa o relatório publicado em fevereiro pela 'Elsevier 2020 - A Jornada do Pesquisador através das Lentes do Gênero'. Mas, apesar desse crescimento, mesmo nas áreas em que elas se encontram em maior quantidade, os destaques evidenciados ainda são predominantemente os masculinos.

É preciso abrir um debate acadêmico sobre eventuais procedimentos que incentivem a submissão de manuscritos de autoria de mulheres de modo geral e durante a pandemia especificamente. Sabemos que tal contexto reflete problemas sociais muito mais sérios e antigos. Isso não deve servir, contudo, como justificativa para aceitação automática das desigualdades de gênero constatadas. Se a ciência é uma das nossas maiores aliadas na eventual saída ou mitigação desta crise, cabe questionar continuamente os mecanismos que afastam as mulheres dos canais de intervenção e deliberação públicos (CANDIDA, 2020, p. 1).

Ainda de acordo com Candida (2020), dados de sistema de avaliação que são divulgados em estudos científicos deveriam levar em conta o contexto inserido e as desigualdades observadas no meio acadêmico, para que retratem de forma mais próxima da realidade as situações e dificuldades existentes enfrentadas pelas cientistas para serem inseridas em projetos e atuar na profissão.

Os debates e discussões, como também pesquisas sobre a presença da mulher no espaço científico, tornam-se de suma importância para incentivarem meninas a fazerem ciência, e diante de uma situação de pandemia, estimular ainda mais a conquista desse espaço visto ainda como predominantemente masculino e excludente.

Considerações finais

Durante esse momento de pandemia, as mulheres aparecem nas listas de pesquisadores que estão em busca de mecanismos que desacelerem a linha de projeção crescente de contaminados pelo Coronavírus. Os dados nacionais a respeito da participação feminina em publicações científicas trazem uma projeção animadora sobre o crescimento dos números de mulheres pesquisadoras.

Mesmo com dados animadores, observa-se ainda que existem inúmeros desafios a serem superados, principalmente no que diz respeito ao acesso a títulos e ascensão da carreira, pois observa-se que não há ainda uma equidade de gênero na área científica, e as mulheres não colocam grandes expectativas em seguir a carreira. Existe uma invisibilidade nos trabalhos científicos realizados por mulheres, fruto de uma cultura que desfavorece o gênero, cria obstáculos para a sua formação e inviabiliza criar perspectivas de crescimento no setor.

Os papéis sociais da mulher, como ser mãe, esposa, dona de casa, acabam dificultando a presença desses sujeitos no espaço acadêmico. Em tempos de pandemia, isso fica mais evidente, e por conta do distanciamento social, mulheres ficam sobrecarregadas e se afastam da pesquisa de forma compulsória. Essa afirmação é justificada diante dos números encontrados em dados científicos atuais sobre a queda nas publicações de autoria das mulheres, acirrando ainda mais essa disparidade de gênero.

A pandemia do Coronavírus não pode se tornar mais uma explicação para justificar as diferenças sociais entre homens e mulheres, nem servir como marco para diminuir a presença do feminino do espaço de pesquisa, após tantas lutas. É necessário intervir nas mais variadas formas de implementação de políticas públicas para evitar maior discrepância no espaço da pesquisa, como também reconhecer as contribuições dadas pelas pesquisadoras, naturalizando um processo ainda visto como um tabu pela sociedade que traz traços machistas.

Divulgar trabalhos e reconhecer a importância da presença da mulher nos diversos espaços torna-se um incentivo para evitar aumento dessa desigualdade de gênero e fomentar a entrada dessas jovens em áreas acadêmicas estratégicas, como exemplo a saúde. Durante muito tempo não era permitida a sua presença. Esse fomento deveria acontecer ainda durante a educação básica, período em que as descobertas são evidenciadas, e as escolhas estão sendo construídas, para que as meninas consigam visualizar a mulher como um ser capaz de realizar inúmeras tarefas, inclusive pesquisar.

Além de divulgação de trabalhos, é necessária a promoção de políticas públicas que incentivem ações de inclusão das mulheres nas áreas das Ciências e Tecnologias. Como também, é preciso identificar e combater o preconceito contra mulheres, trazido nas construções sociais influenciadas pela sociedade, algo que não é exclusividade do Brasil. Deixamos a reflexão que o machismo é uma visão pandêmica que carrega consigo efeitos devastadores, aumentando a desigualdade de gênero que dificulta a visibilidade das habilidades de mulheres nos espaços da pesquisa. Sendo assim, essa análise não se esgota nesse contexto e sim dá início a um processo de discussão.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informações sobre o COVID-19**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 08 de abril de 2020.

CANDIDO, M.; CAMPOS, L. **Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres**, Blog DADOS, 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em 18 de maio de 2020.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Séries Históricas por Pesquisadores por sexo**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/pesquisadores-por-sexo>. Acesso em: 08 de abril de 2020.

DAVIS, M, et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DINIZ, D.; Foltran, P. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. **Revista Estudos Feministas**, vol. 12, no especial, Florianópolis, 2004, p.245-253.

GEBARA, I. **Religião e a pandemia Covid-19**. Instituto Humanas Unisinos, 23 jun. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

GENDER IN THE GLOBAL RESEARCH LANDSCAPE. 2020. Disponível em: https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2020.

GROSSI, M. et al. As mulheres praticando ciência no Brasil. *Rev. Estud. Fem* (24), Florianópolis-SC, 2016.

GUEDES, M.; AZEVEDO, N.; FERREIRA, L. A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. **Cadernos Pagu**, n. 45, p. 367–399, 2015.

FERREIRA, A. **Novo Aurélio século XXI: dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, L.; AZEVEDO, N.; GUEDES, M.; CORTÊS, B. Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969). **Hist. ciênc. Saúde**, (15), p. 43-71, 2008.

FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ. **COVID-19**: informações para pesquisadores. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/coronavirus/informacao-em-saude>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

MONTEIRO, R.; SILVEIRO, C.; DANIEL, F. Representações sociais do empreendedorismo no feminino e no masculino: investigação com estudantes. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.20, n.1, p.107-116, jan./mar. 2015.

MLAMBO-NGCUKA, P. *Violência contra mulheres e meninas é pandemia das sombras*. Nações Unidas Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-violencia-contra-mulheres-e-meninas-e-pandemia-das-sombras/>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

RODRIGUES, J.; GUIMARÃES, M. A Fundação Oswaldo Cruz e a ciência no feminino: a participação feminina na prática e na gestão da pesquisa em uma instituição de ensino e pesquisa. **Cadernos Pagu**, n. 46, p.197-222, 2016.

SILVA, S.C.C.G.; AMORIM, I.B.; CASTRO, S.B.D. Desafios da família na atualidade: perspectivas sobre a educação e religião. **Religare**, v.15, n.1, p.26-47, 2018.

STANISCUASK, F. et.al. Impacto do COVID-19 nas mães acadêmicas. **Science**, 15 de maio de 2020: vol. 368, Edição 6492, p. 724.

TABAK, F. Estudos substantivos sobre mulher e ciências no Brasil. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. p. 39-49.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Rev. Bras. Epidemiologia**. São Paulo, 2020; p.01-05.

50+ MULHERES PROTAGONISTAS. Disponível em: <http://www.openciencia.com.br/>. Acesso em: 02 de maio de 2020

Recebido em 23/07/2020

Aceito em 05/12/2020

Received 07/23/2020

Approved 12/05/2020